BATE-PAPO • José Laerte Barreto

A adoção de variedade de mandioca em SE

Em agosto, equipe do projeto "Impacto da pesquisa participativa do melhoramento genético da mandioca" percorreu quatro municípios do agreste sergipano para colher depoimentos de agricultores sobre o desempenho da variedade 'BRS Kiriris'. Entre as entrevistas, que vão compor o vídeo-documentário sobre a adoção e o impacto de variedades melhoradas no bioma Caatinga, está a que foi realizada com José Laerte Barreto*, engenheiro agrônomo da Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro), que faz um panorama da cultivar no município de Simões Dias, onde se localiza a sede da Emdagro, e nos municípios vizinhos.*

Como tem sido a experiência da Emdagro com a 'BRS Kiriris' na região?

José Laerte Barreto – A variedade Kiriris ['BRS Kiriris'] iniciou um plantio aqui na região a partir do advento do projeto Pró-Sertão. Houve todo um trabalho de seleção e foram distribuídas duas variedades, a Kiriris e Aramaris ['BRS Aramaris']. A segunda começou a apresentar um percentual de podridão, enquanto que a primeira apresentou um percentual muito pequeno. Os produtores plantavam variedades com alto índice de podridão, inclusive algumas delas, a Caravela, por exemplo, chegava a perder quase 100%. E com o advento do Pró-Sertão e a existência da Kiriris, a Emdagro, em uma parceria com a Embrapa, começou a distribuição inicialmente em alguns pontos do município, e esse pessoal foi multiplicando esse material. Outras distribuições aconteceram e hoje já tem uma área significativa. Em torno de 5% a 6% da área do município já são cultivadas com Kiriris. E havendo uma disponibilidade maior de material, há possibilidade de expansão. Principalmente nos últimos dois anos, a mandioca teve uma valorização muito grande, a farinha chegou a preços recordes, portanto, há um certo interesse do produtor em cultivar a mandioca.

Vocês fazem essa distribuição?

JL – Fazemos. Normalmente a gente pega o material de um produtor que tradicionalmente já cultiva a mandioca e a gente distribui alguns molhos, como eles chamam, e a turma vai fazendo sua multiplicação e vai dividindo com os vizinhos. Todo ano isso já é uma rotina no trabalho da extensão rural.

Fale sobre a espécie de teste de fogo pelo qual a variedade passou, conforme o senhor mencionou?

JL– Nós distribuímos o material para um produtor, o Sr. Lulu, inclusive o adubo. Ele plantou uma tarefa da Kiriris. Era para ter colhido em 11 a 12 meses, mas ele também planta culturas irrigadas, hortaliças irrigadas. Ele disse que no dia a dia não teve tempo de colher a área toda, ficou um pouco mais da metade. E ele foi colher com um ano e seis meses. Mesmo assim a variedade apresentou um índice de podridão muito baixo. Foi o que chamo de uma espécie de teste de fogo. Ela passou a ter uma situação extremamente propícia para desenvolver a podridão e não desenvolveu. Eu não sei se este ano ele já plantou, mas ele sempre planta mandioca. Planta quiabo e pimentão. É uma família de agricultores irrigantes. Sempre estão plantando. ■

Fotos: Alessandra Vale